



12

1 9 5 3

COMUNICAÇÃO AO I CONGRESSO NACIONAL
DA JUVENTUDE UNIVERSITARIA CATOLICA

POR

Fundação Cuidar o Futuro
MARIA DA ENCARNAÇÃO MONTEIRO

(Aluna da Faculdade de Letras de
Lisboa - Filologia Germânica)



COMUNICAÇÃO AO I CONGRESSO NACIONAL
DA JUVENTUDE UNIVERSITÁRIA CATÓLICA
(16 de Abril de 1953)

No plano de uma comunicação ao I Congresso Nacional da Juventude Universitária Católica, pensámos que não seria de todo inútil a evidenciação de alguns problemas que ao estudante universitário normalmente se deparam em contacto com a sua Faculdade.

Porescassez de elementos respeitantes aos vários sectores do ensino universitário, não generalizaremos, neste breve estudo, os resultados da nossa experiência e observação, ~~exceder~~ restringindo-se assim a incidência dos nossos reparos, até por limite de tempo, à Faculdade que melhor conhecemos, como centro da nossa actividade escolar. Cremos, no entanto, de interesse geral algumas considerações que se nos impõem acerca do modo e métodos da vida universitária, sem dúvida com largos pontos de contacto nas diversas Faculdades.

Examinaremos em primeiro lugar o problema da admissão aos centros de estudos superiores e da selecção dos candidatos - selecção naturalmente pressuposta nos cursos liceais, sobretudo nos últimos anos, e à qual importará proceder com atenção às possibilidades do aluno, às suas tendências, à adequação ao curso que escolheu, ou que em tantos casos, infelizmente, escolheram por ele.

Para exemplificar com o caso da Faculdade de Letras de Lisboa, atenta a insuficiência de capacidade do respectivo edifício, é evidente que quanto mais cedo se dê começo àquele trabalho selectivo, tanto melhor. É infelizmente verdadeiro e lamentável que, entre nós, a admissão para além de determinado número de concorrentes, redunde, por defeito de instalações, em prejuízo certo de todos os interessados - alunos e mestres. Não falando já do aspecto higiénico que inclui, por

estretamente correlacionado, o da dignidade do ensino, o lado pedagógico da questão é deplorável, e muito especialmente em cursos de carácter prático, como os de línguas, em que é imprescindível o contacto directo e constante de professores e alunos para obtenção de um mínimo de aproveitamento.

Como conseguir, porém, este contacto em cursos de cem alunos? Começar-se-á então a pensar na impossibilidade da manutenção de semelhante estado de coisas, e estará o remédio, findo o ano lectivo, em se limitar a ^{ao ano seguinte} admissão a metade ou a um terço dos componentes dos cursos. Entretanto, as contrariedades e prejuízos de um ano inteiro de estudo nas condições referidas é que não são tomadas em conta. Importaria, sem dúvida, que logo de início se tivesse feito a selecção, como base de melhores condições de trabalho e de mais profícuo estudo.

É óbvio que na raiz deste problema está sempre o da conveniente instalação dos estudos e do adequado número de professores. Mas enquanto se não pode satisfatoriamente resolver a dificuldade, por que não usar de maior rigor no critério da admissão? O acorrer crescente às Universidades de indivíduos de todas as proveniências, que em grande número de casos aí procuram apenas a obtenção de um meio de subsistência, e o desencontro, nesta hipótese material, das Universidades com as exigências dos novos tempos, provocam a eclosão destas conjunturas, sem dúvida graves mas de possível limitação, como acabamos de ver.

Impõe-se, entretanto, não esquecer que o problema da selecção se mantém ao longo do curso e que é, por isso mesmo, prudente perseverar no rigor dos primeiros anos, finalmente recom pensado quer por um nível mais alto entre os novos diplomados, quer por decréscimo dos mesmos em situação de desemprego.

Consideremos agora uma das facetas mais atraentes da vida universitária, ao mesmo tempo das mais fecundas: a colaboração entre mestres e alunos. Digamos antes, a humanidade de com



preensão, a convivência familiar entre uns e outros, sem quebra de mútuo respeito. Sabemos bem que o objectivo fundamental do ensino superior deve ser o de formar o estudante, ou melhor, completar a sua formação, suscitando nele o homem de alma e inteligência fortes, capaz de idéias definidas e de as sustentar quando necessário. Ora um dos meios de atingir tão alto fim é a comunicação com pessoas que, pela sua experiência, cultura e maioridade intelectual, estejam aptas a proporcionar ao aluno o ambiente, o clima espiritual que não teria muitas vezes possibilidade de encontrar de outro modo.

Cabe assim ao mestre a missão de fazer viver a estátua, de suscitar a faísca ardente de uma esclarecida e quanto possível ^{perfeita} concepção do mundo e da vida. Cremos, por nós, que lembrarão alguns com saudade e admiração a influência benéfica e por vezes decisiva de determinada sugestão do professor no errado ou imperfeito conhecimento de certos factos ou fenómenos, fomos dizer, na nossa própria personalidade.

Não podemos, de facto, queixar-nos de recusas dos mestres, sempre que os procurámos para algum conselho ou esclarecimento de noções insuficientemente assimiladas. Mas fica ainda verdade que só muito raramente se cultivam entre nós a convivência espontânea, o acolhimento pronto e familiar, o trato natural sobre os assuntos mais diversos e de maior interesse, através do qual o professor, fora das aulas, pode levar o espírito do aluno "para a luz", como diríamos do ensino de Sócrates.

Todos reconhecem a necessidade de se fomentar tão interessante possibilidade de intercomunicação universitária, no sentido da aquisição de melhor nível de ensino, e é inegável, neste campo, o valor de iniciativas do tipo de excursões e visitas de estudo, como algumas já efectuadas com indiscutível proveito e grata recordação. Contém-se, porém, em bem estreitos limites o que a este propósito se tem conseguido, e não é em situações forçadas ou pre-determinadas (aulas diárias, reu



niões com dia certo) que melhor poderá vingar o justo entendimento entre professores e escolares de uma mesma Faculdade. A aproximação de uns para outros, com proposição de questões e troca de idéias, deveria surgir naturalmente, dado que tais situações raramente se proporcionam na aula em que, pela própria disposição das coisas, o mestre se encontra muito longe e acima dos alunos, convertidos em meros componentes de auditório.

Urge, portanto, afastar das relações de professores e discipulos o carácter rígido de obrigatoriedade lectiva, procurando antes cultivá-las com o sentimento e à-vontade de comunicação por assim dizer familiar. Deste modo, veremos compensado o esforço comum por algo de valor inestimável.

Achamos conveniente deixar também neste lugar algumas considerações sobre a organização dos horários. Não se trata, de modo nenhum, de problema de interesse mínimo na vida das Faculdades. Grande parte dos alunos universitários têm, com os seus deveres de estudo, ocupações que não podem abandonar. É, pois, com manifesto transtorno que se vêem diariamente obrigados a percorrer várias vezes o caminho das aulas. Não se poderiam organizar ou remodelar os horários, atento o prejuízo das disposições vigentes, de modo que não precisassem os alunos de ir mais que uma vez por dia à respectiva Faculdade? E não seria ao mesmo tempo de reduzir tanto quanto possível o número de intervalos entre tempos de aulas - espaços que, sem aproveitamento integral para o estudante, quase sempre redundam em pura perda de tempo?

Por outro lado, seria ainda de atender, em adequada remodelação dos horários, a que não parece lícito exigir, tanto de mestres como de alunos, colaboração com um mínimo de atenção e interesse relativamente a aulas que se prolongam por três horas. Cremos mesmo que não se compreendem nem se justificam semelhantes situações, e que seria da máxima conveniê-



cia removê-las com criterioso e urgente propósito de simplificação.

A frequência das aulas, apenas obrigatória para as lições práticas, seria assim facultativa nas teóricas. Para o aluno com interesse e possibilidade de regular assistência a estas últimas, tanto melhor. Mas é sem dúvida elevado o número dos que lutam com dificuldades de tempo e não podem cumprir com assiduidade, embora o facto não signifique menos interesse pelos deveres escolares. A justificação da frequência obrigatória nas aulas práticas está em que é através do contacto directo e imediato com o aluno que o professor, além do mais, melhor pode ajuizar da sua capacidade e aproveitamento.

Faremos agora algumas observações sobre o funcionamento das bibliotecas universitárias, geralmente abertas para consulta à hora de correspondente funcionamento das aulas. Afigura-se nos de modificar o statu quo, de modo que se mantenham ao dispor dos consulentes seguidamente ao termo das lições, ou seja depois do meio-dia nalguns casos, e em outros depois das 17 horas. Poderão assim obter os alunos nas bibliotecas, sem impedimento do tempo de aulas, os elementos de informação de que necessitam. Do modo como actualmente funcionam resulta, como é evidente, a impossibilidade do aproveitamento por muitos alunos de tão útil instrumento de cultura.

Relativamente ao sistema de requisição de livros para leitura em casa, não caberia reparo se as nossas bibliotecas possuissem em regra mais que um exemplar das obras de maior consulta. Tal porém não sucede, e a grande afluência de alunos à hora da recepção dos livros e o número diminuto das obras existentes em relação aos interessados dão lugar a incidentes desagradáveis, que obrigam por vezes os dirigentes a medidas drásticas.

Finalmente, e do nosso especial interesse como estudan_

tes da Faculdade de Letras, queremos ainda referir o modo como entendemos deveriam ser dadas as lições em determinadas cadeiras - as de Literatura. Parece-nos que o método a adoptar nestas lições seria o que ao mesmo tempo admitisse contacto mais íntimo com as correntes literárias nas respectivas épocas e com os autores e sua obra, bem como uma participação mais efectiva do aluno nos trabalhos do curso.

De acordo com este objectivo, deveriam reservar-se as aulas teóricas à aquisição de idéias gerais sobre as épocas em estudo, não só no plano literário, mas em todos os aspectos culturais geralmente com ele relacionados. Colocar-se-iam assim, adentro da sua época e do ambiente em que viveram, o autor ou autores de mais justificada evidência, pondo-se ao mesmo tempo com clareza os problemas suscitados pelas suas obras ou pela própria biografia, quando com elas relacionada.

Seriam enfim fornecidas e afixadas notas bibliográficas criteriosamente escolhidas, tanto quanto possível completas, com correspondente esclarecimento do curso sobre o interesse de cada uma das obras. Por seu lado, ficaria ao zelo do aluno o completar ele próprio estes conhecimentos com elementos biográficos dos autores e resumos das suas produções literárias, cuja leitura lhe seria por assim dizer obrigatòriamente imposta.

Nas aulas práticas, proceder-se-ia à crítica e discussão das obras lidas, com troca de impressões sobre os problemas das aulas teóricas e com esclarecimentos do professor, sempre que necessários. Trabalhos individuais dos alunos, relacionados com a época e autores em estudo, completariam esta actividade.

Parece-nos tanto mais aconselhável este método, quanto é certo que todos teriam a beneficiar da sua aplicação. Como manifestação do seu resultado nos exames, teriam de ser de tipo geral as questões propostas, para cuja solução estaria o

aluno em condições de evidenciar a cultura adquirida e o justo conhecimento das obras directamente estudadas. Deixariam, assim, de consistir as provas em transcrições de apontamentos tirados nas aulas, o que, embora exigindo maior esforço de professores e alunos, indubitavelmente contribuiria para a obtenção de um mais alto nível universitário.

Não devemos alongar-nos para além do exposto, tanto mais que apenas nos propusemos sugerir alguns problemas, que cremos de interesse indiscutível para apreciação deste Congresso. Terminamos, pois, com o desejo sincero de que sejam, pelo menos alguns deles, devidamente considerados e se use de esclarecida boa vontade na procura das mais convenientes soluções.

Fundação Cuidar o Futuro

Como síntese dos problemas expostos e das considerações expendidas, poderão formular-se as seguintes conclusões:

I. Que na admissão às Faculdades, com atenção à instalação dos estudos e ao provimento dos quadros docentes e para obtenção de mais alto nível universitário, se proceda com justo rigor selectivo, em face dos méritos do candidato e das suas tendências e adequação ao curso que pretende.

II. Que, nas relações de mestres e alunos, se procure fomentar sem quebra de mútuo respeito o espírito de convivência familiar e, conseqüentemente, o trato natural intra e extra-escolar sobre assuntos atinentes à formação cultural do aluno.

III. Que, na organização dos horários, se não force o aluno a mais que uma ida diária ao respectivo centro de estu-



dos; se reduzam quanto possível os intervalos dos tempos de aulas; se limite ao indispensável a duração de determinadas lições; e que, mantendo-se como obrigatória a frequência das aulas práticas, se estabeleça como facultativa a das teóricas.

IV. Que, no funcionamento das bibliotecas universitárias, se prescreva a manutenção da sua abertura, por tempo conveniente, seguidamente ao termo da última lição diária.

V. Que, nas cadeiras de Literatura, se promova mais íntimo contacto com as correntes literárias, autores e respectivas obras, bem como uma mais efectiva participação do aluno nos trabalhos do curso.

Lisboa, 31 de Março de 1953.

Fundação Cuidar o Futuro

Paula da Encarnação Monteiro

(Aluna da Faculdade de Letras de Lisboa - 4º ano
de Filologia Germânica)